

O sublime, as mulheres e os negros nas *Observações* do jovem Kant

RODNEY FERREIRA
MESTRE EM FILOSOFIA PELA FFLCH-USP.

Pois aqui não basta imaginar que se está diante de seres humanos; é preciso ao mesmo tempo não esquecer o fato de que estes não são de um único tipo.¹

A passagem acima, posta na terceira seção das *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime* (1764), dedicada às diferenças entre o sublime e o belo na relação dos sexos, é marca inicial do caráter insidioso com que Kant atrela a ideia de humanidade às mulheres – e não só a elas, mas, como veremos, também aos negros. Se, por um lado, o observador não deixa dúvidas na categorização do gênero feminino como parte da humanidade e suas elaborações darão a esse gênero participação fundamental no grande quadro da natureza, por outro, será através da identificação mesma dessa participação que se poderá determinar sua posição como complementar àquele gênero que verdadeiramente pode representar a humanidade e agir por ela: o masculino. Mais precisamente, ao sexo dotado de um espírito identificável sobretudo como belo (o feminino), caberá refinar o sexo dotado de um espírito identificável sobretudo como sublime nobre (o masculino).

¹KANT, I. *As Observações sobre o sentimento do belo e do sublime*. Trad. Vinicius Figueiredo. São Paulo: Clandestina, 2019, p. 70.

Já a este nobre sexo, caberá especialmente agir e pensar para além do campo do refinamento, na consideração da humanidade segundo princípios e fins.

Nesse sentido, embora as observações dessa terceira seção recaiam centralmente sobre a *influência* de um sexo sobre outro, em um campo que é mais antropológico pragmático do que moral, por se parametrar sobretudo pelos sentimentos rudes e refinados que têm por base os impulsos sexuais, torna-se necessário considerar que Kant, justamente por adotar esse parâmetro, toma o ponto de vista da natureza e de como ela mune sobretudo as mulheres de ferramentas para uma boa regulação de seus fins no interior da sociabilidade. Isso faz com que a restrição pragmática das observações seja rompida por indicações bem marcadas, porque naturais, a respeito de quais devem ser as posições e as funções de cada sexo, e não apenas no interior das relações regidas pelo decoro e pelas aparências, ou pela contribuição mútua propiciada por um bom matrimônio ao desenvolvimento da natureza de cada membro do par, mas também – e é isso que constituirá nossa ênfase hermenêutica – pela demarcação da impossibilidade de um agir moral genuíno por parte das mulheres, criando uma oposição entre um agir voltado para o homem (*Mann*) e um agir voltado para a humanidade (*Mensch*).

Para mostrar isso, consideremos primeiro as oposições entre os tipos verdadeiros e falsos da sublimidade, pelas quais se tem que a mulher, enquanto pertencente ao gênero propriamente belo, não pode nunca pretender a uma reivindicação adequada do sublime, de maneira que suas tentativas de se mostrar profunda acabam sempre por redundar naquilo que define como *excentricidade*, chegando mesmo à necessidade de ridicularização, como o próprio observador – enquanto crítico – trata de fazer, quando diz que a “uma mulher que tenha a cabeça entulhada de grego, como a senhora *Dacier*, ou que trave disputas profundas sobre mecânica, como a marquesa de *Châtelet* só pode mesmo faltar uma barba, pois com esta talvez consigam exprimir melhor o ar de profundidade a que aspiram”.² Como nos diz o observador, é sempre inadequado que o belo sexo saia de sua posição natural, isto é, aquela desprovida de entendimento profundo, mas potente em argúcia e sensibilidade, pelas quais pode ter um acesso próprio, ainda que super-

²Ibidem, p. 72. Grifos do autor.

ficial, aos conhecimentos da filosofia e da história³ – conhecimentos que, para uma atualização adequada de suas potencialidades, deveriam se pôr em recortes como os da “influência exercida pelo belo sexo nos destinos do mundo” e das “diferentes relações em que se encontrava diante do homem noutros tempos ou países”.⁴

Por outro lado, ainda que a mulher não possa reivindicar uma condição de espírito nobre, ela não pode ser de todo carente de nobreza – tanto quanto o homem não pode ser desprovido de sentimento para a beleza, diga-se –, necessitando cultivá-la para elevar seu caráter belo, chegando à simples e ingênua modéstia (*Bescheidenheit*), e principalmente para exercer melhor sua capacidade profunda de observar e ajuizar refinadamente às condutas de ambos os sexos.

Como consequência dessa caracterização, poder-se-ia muito bem dizer que às mulheres é dada uma capacidade de refinamento crítico, concernente ao campo estético-antropológico, mais elevada que aos homens – ou de tanto entendimento quanto eles, embora no campo dos belos conhecimentos, e não dos profundos. Não à toa, o observador dirá que o “conteúdo da grande ciência feminina é, antes, o ser humano, e, dentre os seres humanos, o homem, e sua filosofia não consiste em raciocinar, mas em sentir”.⁵ Sendo suficientemente instruída a respeito das condições da sociabilidade humana em diversas regiões do mundo, bem como de suas produções artísticas, e levando em conta que o campo antropológico não é considerado propriamente filosófico e profundo, pouco parece obstar, pelas definições dadas por Kant, para que a mulher exerça, no registro do criticismo e da sabedoria mundana, uma função mais competente que aquela do nobre sexo. Apesar disso, não se pode deixar de notar que há um objeto específico em sua

³A esse respeito, é exemplar a passagem na qual Kant diz que o “belo entendimento elege como objeto tudo aquilo que é muito aparentado com o sentimento refinado, e abandona especulações ou conhecimentos abstratos – úteis, porém áridos – ao entendimento diligente, sólido, profundo. Por isso, a mulher não aprenderá geometria; e, do princípio de razão suficiente ou das mônadas, saberá apenas o quanto for necessário para perceber o sal das sátiras cristalizado pelos pensadores superficiais de nosso sexo.” *Idem*, pp. 72-3.

⁴*Idem*, p. 74. Nessa passagem, Kant mostra-se bastante afinado com o que Hume propõe, em seu ensaio sobre o estudo da história. HUME, D. *A arte de escrever ensaio e outros ensaios (morais, políticos e literários)*. Trad. Márcio Suzuki e Pedro Paulo Pimenta. São Paulo: Iluminuras, 2008, pp. 249-253.

⁵Kant, *op. cit.*, p. 70.

“ciência” – o homem –, o que tanto enfatiza a ambiguidade de que a mulher tenha uma visão para o humano, mas que essa visão deve se focar no gênero masculino, como também indica a necessidade de contingenciamento de suas capacidades de engajamento propositivo no regime de expectativas.

E é efetivamente esse o direcionamento dado por Kant, ao conduzir suas considerações sobre a posição e a função da mulher nas relações entre os sexos para o campo prático da sociabilidade, ou, como diz Suzuki, para a “ciência performativa que se realiza e atualiza cotidianamente”.⁶ Nela, as mulheres exercem uma função que se funda nas considerações meramente sentimentais das relações entre os sexos e na demarcação do campo de ação moral dos mesmos. Mais precisamente, importa pensar, pelo lado antropológico, o modo como os limites do decoro ajustam os sentimentos rudes e refinados que têm por fonte a inclinação sexual, enquanto, pelo lado moral, importa vislumbrar como o desenvolvimento dos sentimentos refinados próprios ao belo sexo auxiliam o refinamento apropriado do tipo nobre, propulsionando-o à realização moral por princípios.

Na base dessa função, está a noção de *pudor*, caracterizada como “um segredo da natureza que estabelece limites a uma inclinação demasiadamente impetuosa, e que, tendo consigo a voz da natureza, parece sempre se acordar com as boas qualidades morais, mesmo quando delas se desvia”.⁷ Essa noção, além de acompanhar os demais princípios e inclinações como uma voz censurante interna que remete ao olhar externo, também estabelece uma “misteriosa cortina” que impede que se crie asco ou indiferença, por demasiada familiaridade, pelos fins sexuais. O gênero feminino, diz o observador, é aquele mais bem dotado do sentimento de pudor, adaptando-se com maior facilidade ao decoro, e exercendo na sociedade refinada um papel menos afeito a certas corruptelas, como as que, por exemplo, conversações masculinas apresentam – quando tratam das mulheres –, propiciando alusões e gracejos ousados.

Todavia, é importante enfatizar que o véu do decoro não tem por função meramente inibir o impulso sexual, mas antes impedir, através de certos velamentos sociais, que se crie algum tipo de refração a ele que seja prejudicial aos fins

⁶SUZUKI, M. *A forma e o sentimento do mundo: jogo, humor e arte de viver na filosofia do século XVIII*. São Paulo: Editora 34, 2014, p. 36.

⁷Kant, op. cit., p. 80.

naturais. Daí que Kant dirá que a “natureza persegue seu grande intento, e todos os refinamentos que a isso se associam, por mais que daí pareçam se distanciar, não são senão ornamentos, e, no fim das contas, tiram seu encanto da mesma fonte”.⁸ Ou seja, os juízos refinados fundados no sentimento de pudor afunilam o fluxo dos impulsos de tendências torrenciais, sem deixar de estimulá-los em uma correta medida, impedindo que se caia, por um lado, na vulgaridade e, por outro, na indiferença. Assim, a forma como a mulher age na sociedade e como policia a ação do homem, na medida em que se parametra de modo especialmente preciso no pudor, faz com que ela seja o eixo de calibragem da relação entre natureza e sociabilidade; entre sentimentos rudes e sentimentos refinados, no que diz respeito às interações entre os sexos.

A parte mais fina dessa calibragem está na influência que os sexos exercem um sobre o outro em sentido do embelezamento e do enobrecimento, tendo naturalmente o homem um sentimento para o nobre em si, mas para o belo na mulher, e a mulher, para o belo em si, e para o nobre no homem. Com efeito, há uma atração natural, na mulher, pelo nobre no homem, e no homem, pelo belo na mulher, explicitando como o impulso sexual pode ser um instrumento para o refinamento mais apurado das características espirituais de cada gênero. No entanto, sendo a formação humana passível de muitas influências degenerativas, é também imperativo que as pessoas aprimorem a capacidade de identificar o que é nobre e o que é belo em um sexo, e façam de suas interações uma dança onde não só nos guiemos mecanicamente segundo os passos de nosso gênero, mas busquemos uma condução mútua. Nesse sentido, o casamento, mais do que os salões da bela sociedade, é a instituição que verdadeiramente propicia a expressão máxima do mútuo refinamento das interações entre os sexos, na medida em que o par se torna “uma única pessoa moral, animada e regida pelo entendimento do homem e pelo gosto da mulher”.⁹

Apresentadas as observações que tratam do refinamento calcado nos impulsos sexuais, queremos agora considerar como os caracteres morais se articulam com a descrição da mulher como incapaz de uma verdadeira sublimidade de espírito – ou, senão incapaz, certamente reprovável como alguém que, ao buscar uma

⁸Ibidem, p. 82.

⁹Ibidem, p. 94.

tal condição, degenera sua natureza. Primeiro, é importante considerar que o atrelamento ao belo e ao sublime dos gêneros sexuais não se reduz às considerações estéticas e sexuais, mas se estende às capacidades internas – em parte naturais – de cada um deles. Dessa maneira, como vimos, o belo espírito da mulher a torna pouco afeita ao entendimento profundo, e sua conduta não se guia por princípios do entendimento, mas pelo sentimento e pela argúcia. Suas considerações de ordem moral, portanto, restringem-se sempre ao aparente da experiência e se fundam nos motivos do coração, isto é, na benevolência e na compaixão, cujo fundamento é o sentimento da beleza da natureza humana.¹⁰ Esse fundamento sozinho, no entanto, só pode gerar uma virtude por adoção, uma vez que considera o ser humano em sua condição particular e aparente, não exigindo uma meditação a respeito das conseqüências totais de seus atos diante da humanidade. Diferentemente, o sentimento de respeito pela natureza humana, que funda os atos de ordem sublime e genuinamente virtuosos, provém da consideração não restrita à condição de um ser humano, mas ampliada ao reconhecimento da dignidade que guarda em si como membro da humanidade. Essa dignidade exige que uma ação que se volta ao humano tenha por diretriz a justiça, e não a benevolência, pois todo ato justo considera o valor irrestrito da pessoa enquanto humana, e é à humanidade que os atos verdadeiramente morais se reportam.

Dessa forma, quando Kant diz que a ciência feminina é uma ciência da humanidade, mas especialmente do homem entre a humanidade, indica como o entendimento de gosto da mulher não poderia efetivamente se voltar ao todo do gênero humano senão através do homem, isto é, senão através do enobrecimento do homem, como característica refinada que o auxilia a se voltar à espécie de ação moral que é própria ao seu espírito sublime – aquela fundada na consciência como agenciadora de princípios baseados no sentimento moral da beleza e da dignidade da natureza humana. Ora, a conseqüência desse enquadramento é que a mulher não deve agir diretamente voltada à humanidade, segundo princípios e meditações profundas que fariam dela capaz de agir teleologicamente, através de decisões por princípios, e de, por isso mesmo, ser representante da humanidade em suas ações. Assim, ainda que a mulher ocupe um lugar mais fundamental que o homem na sociedade refinada, regulando, através de seu sentimento de pudor e

¹⁰Ibidem, p. 71.

do decoro, as virtudes aparentes, que são aquelas que de fato mantêm a sociedade equilibrada, uma vez que a maioria das pessoas age por egoísmo e só é impedida pela consciência das expectativas sociais, quando se trata da consideração dos princípios que idealmente devem reger a humanidade, é o homem que ganha proeminência, e sua ciência é aquela que verdadeiramente tem a humanidade, sem objeto específico, como matéria.

Contudo, há uma raça humana cuja sublimidade do gênero masculino é degenerada ao máximo, de maneira que não se poderia conceber os homens que a ela pertencem como capazes de se elevar à nobreza do entendimento profundo e da ação por princípios que constituem a amplitude da ciência masculina. Essa raça é a dos “negros da África”, e nela não há sentimento algum além do ridículo – o grau mais baixo do sublime, ou o polo contrário do sublime nobre. Essa oposição é profundamente significativa para a compreensão do lugar das *Observações* no *corpus* kantiano e no contexto histórico do iluminismo, mas antes de a explorarmos, é necessário que façamos um exercício de exposição da estrutura entre verdadeiro e falso sublime na quarta e última seção das *Observações*, dedicada aos caracteres nacionais na medida em se associam ao sublime e ao belo. Essa apresentação nos dará os termos que esclareceram e corroboram nossa leitura dessa oposição.

Partindo novamente do recorte do sublime, são três os povos que, na Europa, o observador associa respectivamente aos tipos nobre, magnífico e terrível desse sentimento: os ingleses, os alemães e o espanhóis.¹¹ Essa associação tipológica se desenvolve na seção através de três pontos de vista: o artístico/científico, o moral e o religioso, cuja escolha podemos remeter, respectivamente, ao procedimento crítico do observador,¹² à sua base no sentimento moral, e à perspectiva iluminista que se desvela sobretudo nesta quarta seção.

¹¹Dedicar-nos-emos sobretudo a essas nações europeias e àquelas que fora da Europa se associam ao sublime, deixando as nações associadas ao belo e ao temperamento fleumático de lado.

¹²No início de suas observações a respeito do gosto das nações, Kant diz que mencionará “apenas de passagem as artes e ciências cuja escolha pode confirmar o gosto que atribuímos particularmente a essas nações”, de maneira a tornar ainda mais clara a concepção de que existe uma expressão não só nacional do gosto, mas também histórica, uma vez que a Alemanha, cujo engenho era “outrora berrante”, “tornou-se [graças a seu entendimento] mais atraente e mais nobre”. Cf. Kant, op. cit., pp. 99-100.

Em matéria de gosto científico e artístico, aos sublimemente nobres ingleses calha o pensamento profundo, o engenho robusto e a preferência pela tragédia e pela épica; nos sublimemente magníficos alemães, o engenho é mais artificioso que nos ingleses, mas menos que nos franceses (afeitos ao belo), e sua preferência artística também se equilibra entre a nobreza e a bela ingenuidade. Já os espanhóis, porque seu caráter tende à sublime inaturalidade que constitui a extravagância, são tidos como pouco dotados de sentimento para as artes e as ciências, que têm a natureza como arquétipo.

Com efeito, se os ingleses são, do ponto de vista moral próprio a seu tipo de sublimidade, virtuosos e indiferentes às aparências, e os alemães, virtuosos mas ciosos das aparências, aos espanhóis se considerará pelo ponto de vista não de uma terrível sublimidade que leva ao reconhecimento virtuoso, como a que caracteriza a solidão de Carazan, mas da degeneração extravagante dessa espécie sentimental. Assim, se, por um lado, o espanhol é visto como sério, honrado e sincero, por outro, carrega sempre em sua soberba e paixão – que todos os povos possuem, a seu modo – algo de extravagante o suficiente para tornar inatural o espírito geral de suas condutas. Essas condutas, no entanto, nem sempre alçam a uma dimensão fantasiosa ou fervorosa que se associaria a um grau mais supersticioso da extravagância, podendo ter como fundamento um gosto pela inaturalidade ou idiosincrasia mesma de um ato ou evento, como na procissão do Auto da Fé, que se mantém “não tanto pelo superstição quanto pela inclinação extravagante da nação”, ou em ações como as seguintes:

Abandonar o arado e, com uma longa espada e um manto igualmente longo, passear pelos campos até que se vá estrangeiro viajante; ou, numa tourada, único lugar onde as belas mulheres da região são vistas sem o véu, saudar a senhora de seu coração com uma especial reverência, e, em seguida, para honrá-la, aventurar-se uma luta temerária com um animal selvagem – são ações incomuns e raras, que se afastam do que é natural.¹³

¹³É importante considerar como essa passagem ressalta uma ambiguidade nessa noção que não fizemos notar, mas que já está presente, nas *Observações*, nos exemplos das cruzadas e da arte da cavalaria, qual seja, o aspecto da fantasia (que se aproxima da superstição) e da aventura

De todo modo, é certo que, tratando-se das observações voltadas à moralidade em geral, a nobreza dos ingleses e a magnificência dos alemães não possuem degenerações em sua sublimidade, tais como o espanhol possui. Antes, falta ao inglês o sentimento para a sociabilidade, próprio ao belo, e o alemão, possuindo ambos os sentimentos, deve apenas evitar dar peso demasiado às aparências e artificialidades, ou seja, à sua tendência a valorizar títulos, sobrenomes e posições. E mesmo as formas do sentimento de honra desses povos mantêm esse padrão, sendo que o *orgulho* dos ingleses é “apenas uma consciência elevada de seu próprio valor, que, às vezes, pode ser muito correta”,¹⁴ e que o torna, na sociabilidade, frio e indiferente aos aplausos alheios. Os alemães, por sua vez, são *altivos*, misturando orgulho e vaidade, ou seja, tendo uma consciência elevada de seu próprio valor ao mesmo tempo que buscam reverências alheias – precisando se educar para não recair demais a esse polo –, e sua sociabilidade é cerimoniosa. Já os espanhóis são afeitos à *soberba*, que “é cheia de traços grandiosos, falsamente imaginados, e solicita pouco o aplauso alheio”, sendo, em sociedade, pomposos e rígidos. Em suma, enquanto o inglês tende a elevar por si mesmo seu valor sem necessariamente cair na pomposidade, fundando-se em sua nobreza de caráter, e o alemão a balancear sua auto-valorização com a valorização social, o espanhol tende a se auto-valorizar segundo suas próprias fantasias, sem se fundar em uma virtude genuína de caráter ou na atribuição social a uma aparência honorável.¹⁵

Dessa forma, podemos considerar que, embora existam indicações de fraquezas próprias às espécies de sublimidade dos ingleses e dos alemães, é apenas aos espanhóis que se atribui uma degeneração inerente a seu espírito nacional, tanto em seu gosto artístico e científico como nas diversas instâncias da sociabilidade. Contudo, quando se trata de enquadrar o caráter sublime desses povos pelo ponto

(que é melhor denotada no termo em alemão para extravagância, “*Abenteuerliche*”, que mais literalmente significa “aventureiro”), os quais indicam tanto o (extra-)vagar fora dos círculos dos sentimentos morais naturais, pelo insuflamento da fantasia, como o (extra-)vagar fora do círculo do que é ordinário ou comum, arriscando-se unicamente pela grandiosidade ou temeridade que se imputa a um ato. Kant, op. cit., p. 101.

¹⁴Ibidem, p. 107.

¹⁵Também no caso do amor, o último tópico das observações morais relativas ao caráter dos europeus, os ingleses e os alemães são tidos como saudáveis e vigorosos, enquanto o espanhol, fantasioso. Cf. Kant, op. cit., pp. 108-9.

de fuga da religião, Kant argumenta – talvez demasiado sucintamente – que não se pode considerar o cristianismo como “matéria de gosto arbitrário; sua origem é mais venerável”, e dessa forma apenas os *desvios* provocados pelos homens é que podem ser diferenciados segundo as qualidades de cada povo, o que o obriga a também pensar em termos de degeneração àqueles caráteres ingleses e alemães cuja sublimidade é saudável.

Assim, entre os quatro desvios elencados por Kant, a saber, *credulidade, superstição, fanatismo e indiferentismo*, atribui-se o fanatismo aos ingleses e alemães, e a superstição aos espanhóis. O fanatismo, tipo de falsa religiosidade, se caracteriza por um “pio atrevimento”, baseado no orgulho e auto-confiança atrelados a seu gosto nobre, que se eleva a uma ordem acima da natural. Com isso, é na concepção de uma inspiração direta, sem intermediários, de uma instância celestial que se dá sua exaltação de espírito, que também pode ser chamada de *entusiasmo*. Já o supersticioso imagina qualidades colossais em seres de natureza idêntica à sua, isto é, santifica seres humanos, que intermediam sua relação com o objeto maior de devoção religiosa, tornando-se eles próprios objetos votivos. Na base dessa confiança supersticiosa, está uma credulidade extravagante, caracterizada pela imputação de autoridade espiritual a pessoas que realizam ações singulares e não prescritas no círculo natural da moralidade e sociabilidade humanas.

De todo modo, o espírito entusiástico dos fanáticos tende a se arrefecer, dando lugar a uma moderação mais próxima da natureza do gosto em que se baseia, pois seu ímpeto pouco a pouco se esfria. Algo diverso ocorre nas nações de gosto para o extravagante, pois a superstição se instala desapercivelmente no espírito tranquilo e passivo, e lá se arraiga até que não seja mais possível dela se livrar.¹⁶ Assim, vê-se que, no tratamento geral dado às degenerações do sublime nas nações

¹⁶As linhas gerais de diferenciação entre fanatismo (entusiasmo) e superstição aqui apresentadas, foram incorporadas por Kant a partir de um ensaio de Hume, denominado *Da superstição e do entusiasmo* (1741). Neste ensaio, a superstição caracteriza-se pela fraqueza de espírito e pela ignorância, que levam as pessoas a recorrerem a intermediários, considerando-se indignas de uma relação direta com o divino. Com isso, dão ensejo ao poder sacerdotal em sociedades inclinadas a essa falsa religiosidade, como, segundo exemplo de Hume, as papistas. O entusiasmo, por sua vez, é ligado a um vigor espiritual e robustez de caráter, cuja impetuosidade leva as pessoas se pensarem capazes de um contato direto com a divindade – como, segundo Hume, os quacres (*quakers*) e outras seitas originadas em solo nórdico. De toda forma, a superstição é muito mais danosa, porque se espalha na sociedade e impede o esclarecimento, enquanto o entusiasmo tende,

européias, os alemães e os ingleses possuem uma nobreza e magnificência que os magnetiza no interior do círculo natural das virtudes e da sociabilidade em geral, mesmo quando seu espírito por vezes escapa dela. Já a extravagância espanhola não só os leva a eventuais atos desnaturados, mas cria um ambiente social inteiro desprovido de gosto para a ordem natural, na qual mesmo a identificação religiosa com humanos (santificados) não os leva para o reconhecimento dos fundamentos naturais da moralidade. Fundamentos esses que estão contidos não na confiança nos atos de uma pessoa, mas no reconhecimento da beleza e da dignidade da humanidade em geral, fundamentos da benevolência, que caracteriza a virtude por adoção, e do respeito, que caracteriza a virtude genuína.

Contudo, essa oposição das características sublimes entre a parte inglesa e alemã, de matriz cristã protestante, com a parte espanhola, de matriz cristã católica, da Europa,¹⁷ não é a que levará mais longe o jogo de oposições entre o sublime e suas degenerações, enquanto aplicados aos povos. Na realidade, a Europa torna-se após certos píncaros, à moderação e se opõe ao poder sacerdotal tanto quanto a razão.

Apesar dessa apresentação tornar clara a apropriação de Kant, há diferenças importantes de enfoque entre as obras. No escrito de Hume, vigora mais nítida a preocupação com as consequências políticas próprias dessas falsas religiosidades, balizando-se temas e termos como liberdade civil e submissão, burocracia clerical e poder sacerdotal, republicanismo e tirania..., os quais associará respectivamente ao entusiasmo e à superstição. No caso das *Observações*, Kant não esconde o caráter iluminista de suas considerações, mas está mais preocupado em tipificar segundo os parâmetros do sublime saudável e do extravagante essas formas de exaltação e credulidade, o que nos conduz a considerações de ordem moral mais do que política. Cf. Hume, op. cit., pp. 49-54.

¹⁷Permitimo-nos sintetizar a identidade dos povos citados de tal forma pelo modo, primeiro, como Kant enfatiza, em mais de um momento, a extravagância da cultura monástica e das empreitadas relacionadas à igreja católica, especialmente as cruzadas. Segundo, por deixar ver como a religiosidade inglesa e alemã tende a se harmonizar com seu espírito moderado e racional, seguindo as caracterizações humanas indicadas na nota anterior. Isso faz com que a perspectiva das seitas de matriz protestante, pelo menos na forma em que se apresentam nas nações inglesa e alemã, seja vista, apesar de sua tendência ao fanatismo, como favorável ao esclarecimento, ao desenvolvimento das forças sociais e à sã razão (como também coloca Hume), associando-se bem à nobreza de espírito desses povos e à sua tarefa de esclarecimento. Já a extravagância é associada às formas artísticas, religiosas e epistemológicas da Idade Média, de domínio católico, que produziram, segundo Kant, um sentimento corrompido generalizado, que só muito recentemente começou a ser vencido, junto ao ressurgimento e florescimento do “gênio humano”. De todo modo, não se pode negligenciar que há uma unidade aí posta, quando Kant fala da “venerável origem” da religião europeia, cuja corrupção em falsas religiosidades é feita pelos homens, e não porque

o local onde se vê o gosto para o sublime mais elevado, mas, ainda que se atribua um gosto extravagante aos espanhóis e um fleumatismo aos holandeses, não se verificam as degenerações mais baixas desse sentimento, como o caricaturesco e o ridículo – que serão atribuídos a povos de outras partes do mundo.

Ao lançar seu olhar para outros continentes, pelo recorte do sublime, Kant dirá que o povo árabe é o mais nobre da Ásia, mas que, semelhantemente aos espanhóis, tem um sentimento que facilmente degenera em extravagância, por sua imaginação fantasiosa e gosto pelo maravilhoso e aventureiro. Os japoneses, por sua vez, seriam semelhantes aos ingleses, mas apenas segundo uma ou outra qualidade, sendo, no mais, desprovidos de refinamento. Sem qualidades que os assemelhem a algum dos caracteres sublimes europeus, os indianos e os chineses serão vistos como dotados de um gosto caricaturesco, que se caracteriza pela significação profunda do que é esvaziado de sublimidade verdadeira, como objetos não-humanos, colocando-os em uma posição onde sua religião e fundamentos de ação são predominantemente fantasiosos:

Ídolos de forma monstruosa, o dente inestimável do poderoso macaco Hanuman, as penitências desnaturadas do faqui (frades mendicantes pagãos) etc., fazem parte desse gosto. O sacrifício voluntário da mulher na mesma fogueira que consome o cadáver do marido é uma horrível extravagância.¹⁸

Ao considerar caricaturesco o caráter monstruoso de seus objetos de adoração (característica sobretudo indiana) e das figuras presentes em suas pinturas e ritos (característica sobretudo chinesa), explicita-se como o observador atribui ao humano o parâmetro de naturalidade do gosto, da moralidade e da religiosidade. E sendo o caricaturesco um grau mais intenso do extravagante, na medida em que aprofunda a significação de certas fantasias, pode-se induzir como a degeneração do gosto espanhol não poderia de fato estar no mesmo nível, uma vez que sua devoção se volta à iconografia humana, seja ela a de Cristo, seja a dos santos. Assim,

haveria uma base nela mesma que fosse degenerada, diferentemente do que se vê nas religiões dos asiáticos e dos negros. Isso, contudo, não é desenvolvido muito além por Kant. Cf. Kant, op. cit., pp. 119-120.

¹⁸Ibidem, p. 113.

não só a sentimentalidade humana, na medida em que é dada pela natureza para conduzir suas relações aparentes ou na medida em que funda a benevolência ou a virtude, estabelece o círculo de configuração da ordem natural, mas a própria figura humana simboliza essa ordem, pois é a ela que se volta o sentimento, seja ele o de pudor, seja o de reconhecimento de sua beleza e dignidade – ainda que este último tenha ainda de representá-la na consciência, produzindo princípios.

Estabelecidas essas considerações, podemos finalmente nos voltar ao momento principal das observações sobre o caráter das nações – aliás, não só sobre esse caráter, mas do procedimento de oposições entre o sublime elevado e o sublime degenerado. Trata-se da oposição entre brancos e negros, na medida em que Kant caracteriza os primeiros – sobretudo os ingleses e os alemães – como dotados de um gosto para o sublime mais elevado, enquanto os últimos – que Kant não diferencia para além da denominação racial – como desprovidos de qualquer refinamento, isto é, incapazes de se elevar acima do ridículo, o grau mais baixo do sublime.¹⁹

O ridículo, mais do que uma predicação de censura moral, que torna certas aparências e atitudes risíveis no seio da bela sociedade, é também uma forma de identificação do nível de refinamento de um gosto – seja ele individual, quando se diz que um homem qualquer é ridículo, seja nacional, como complementação a um outro traço, como o ridículo caricatural dos cumprimentos chineses. Porém, Kant vai além da ideia de refinamento quando atribui o ridículo aos negros, pois os trata não como nação, mas como *raça*, e entende sua degeneração não apenas como histórica, mas também como natural – “Os *negros* da África não possuem, **por sua natureza**, nenhum sentimento que se eleve acima do ridículo”.²⁰

Um primeiro ponto de sustentação dessa leitura, além das indicadas diferenças terminológico-conceituais que substituem nação por raça e gosto por natureza, é a base procedimental das observações de Kant, a qual incorpora a concepção humiana – mas mais amplamente própria a uma concepção iluminista de determinação histórica da manifestação da razão – de uma entre-expressão histórico-natural das composições, estendendo-se ao campo da moralidade na

¹⁹Ibidem, p. 78.: “Nada é tão oposto ao belo quanto o asco, assim como nada conduz tão abaixo do sublime quanto o ridículo.”

²⁰Ibidem, p. 114. Itálico do autor; negritos, nossos.

medida em que se apresenta esteticamente. Para relembrarmos sucintamente, concebe-se que o método histórico, que busca princípios através do método experimental aplicado aos fatos históricos que dizem respeito não aos feitos de determinadas figuras, mas aos costumes humanos, ajuda a identificar aquelas composições que verdadeiramente se adequam não só aos esquemas de progressão da razão, mas também às disposições naturais da sensibilidade e sentimentalidade humanas. Essa adequação se expressa pela persistência e abrangência dessas obras através dos diversos contextos históricos, carregados de variações próprias aos caracteres dos diferentes povos em diferentes épocas. Assim, tem-se uma das bases do procedimento crítico, na medida em que se permite o acúmulo de referenciais comuns (que viemos a chamar de “cânone”) para seu refinamento e comunicação valorativa no território da delicadeza de gosto (que se amplia ao território da antropologia). Desse modo, não é à toa que Kant cita Hume, numa passagem em que este

desafia qualquer um a citar um único exemplo em que um negro tenha demonstrado talentos, e afirma: dentre os milhões de pretos que foram deportados de seus países, não obstante muitos deles tenham sido postos em liberdade, não se encontrou um único sequer que apresentasse algo grandioso na arte ou na ciência, ou em qualquer outra aptidão (...).²¹

O que está em jogo nessa referência é indicar, através de uma nova concepção historiográfica aplicada ao desartolar do espírito humano, e da qual Hume é um dos fundadores, como a condição ridícula dos negros – caracterizada pela incapacidade de refinamento – não é uma questão meramente contingencial, mas natural, uma vez que nenhum ato ou obra dessa raça, através da história humana, apresentou-se como capaz de persistir e se provar adequado à sentimentalidade refinada.

Um segundo ponto, que corre junto a essa tentativa de naturalização de uma ridicularidade aos negros, é a proposição de uma diferença nas *capacidades mentais* entre brancos e negros que seria tão grande quanto suas diferenças de cor,

²¹Idem, *Ibidem*.

devido à *essencial* diferença de suas faculdades. Essa proposição, que versa sobre a constituição facultativa dos povos, não nos parece deixar de se expressar através da história da razão e do refinamento,²² mas parece apelar também para uma outra dimensão da historicidade humana – a natural. Como mostra Rennó, em sua análise da *Teoria do Céu*, Kant possuía concepções raciais baseadas em saberes positivos já na década de 50, e esses saberes positivos advinham não só de conhecimentos cosmológicos, mas também psicofísicos ligados a concepções monogenéticas e geofísicas que mostrariam como a psicofisiologia humana seria dinamicamente condicionada pelas condições geográficas a que cada grupo humano se submeteu, ao longo de sua dispersão pelo globo terrestre. Ora, para Kant, o cérebro humano seria formado, antes de tudo, para atender exigências sensoriais e fisiológicas, de maneira que haveria condicionantes geográficas e cosmológicas (na medida em que parte dessas condições é a relação entre a incidência do calor e da luz solar) que o fariam persistir nessa condição, enquanto outras possibilitariam que sua parte secundária, ligada à razão, se desenvolvesse.²³ Com essa perspectiva em jogo, a atribuição de uma diferença nas capacidades mentais entre brancos e negros, nas *Observações*, não está baseada apenas na consideração da história espiritual dos povos, mas também em sua história natural, fundada em saberes positivos. É isso que, implicitamente, permite o aprofundamento das inferências de Kant para o campo das faculdades cognitivas.

De todo modo, parece-nos que a forma implícita dessas concepções implica uma preferência de Kant por um apelo à história em termos humanos, afinal é o filósofo escocês, e não Fontenelle ou outro racalista, que o autor referencia. Isso se explica pelo próprio contexto teórico em que se inserem as *Observações*, e pelas exigências próprias à discussão sobre a possibilidade contemporânea de uma realização moral da humanidade, o que parece distanciar Kant do falibilismo da *Teoria do Céu*, em favor de uma aposta na autonomia, baseada sobretudo em condições espirituais e educacionais, da agência humana. Há um afastamento da perspectiva teológica da mediania natural do ser humano, apresentada na década de 50, para uma perspectiva racionalista e histórico-teleológica perfeitamente

²²Idem, *Ibidem*.

²³RENNÓ, L. “O que a *Teoria do Céu* tem a dizer sobre as raças humanas (mas que o jovem Kant não declara)?”. In: *Studia Kantiana*, vol. 18, nº 2, ago. 2020.

iluministas. Em outras palavras, Hume, na forma da historiografia filosófica e do princípio civilizador do galanteio, se adequa melhor à ideia de “ciência da humanidade” que Kant desenvolve a partir das associações do sublime aos homens e do belo às mulheres, mais calcada no sentimento moral e no desenvolvimento de princípios abstraídos desses sentimentos que são o aspecto formal dos fundamentos de ação. Se Kant pode considerar os homens europeus, sobretudo os nórdicos, como dotados de elevada sublimidade, é por justamente se basear em suas realizações científicas e artísticas, bem como pelo caráter que apresentam em sociedade, denotando a força da razão em suas criações e condutas; ao seu “vigor mental”. Com efeito, o homem europeu, em relação à mulher europeia, representa a humanidade na medida em que se vê capaz de pensá-la para além do sentimento, isto é, de abstrai-la e considerá-la na forma de ideias – na qual se baseiam seus princípios morais e se pode basear suas decisões, pensando-se não no campo das ações sociais – regulados mormente pelas mulheres –, mas segundo os destinos da humanidade; segundo aquilo que é movido pelo respeito à dignidade humana.

O ridículo, como “grau mais baixo do sublime”, na medida em que aponta a tolice e a estultice de um indivíduo – e sobretudo do indivíduo do gênero masculino, que tem por natureza uma tendência a essa sentimentalidade –, é o atributo avesso ao sublime, mas que segundo a lógica das gradações de imperfeição, põe-se em uma mesma linha demarcatória. Aplicada a toda uma raça, onde mesmo sua religiosidade em nada aponta qualquer transcendência ou capacidade abstrativa, aprofundando-se “tanto no ridículo quanto parece possível à raça humana”,²⁴ impõe não apenas uma incapacidade inexorável de refinamento, mas também de reflexão e de profundidade de entendimento, o que implica também a incapacidade de pensar por princípios e agir segundo um caráter genuinamente virtuoso. Nesse sentido, não se pode considerar fortuito ou fruto apenas de uma infeliz mentalidade de época, que Kant diga algo como o que segue:

A propósito, o padre Labat conta que um carpinteiro negro, a quem ele censurara o comportamento arrogante para com a mulher, lhe respondeu: “Vocês brancos são verdadeiros estultos, pois primeiro

²⁴Kant, op. cit., p. 114.

concedem muito a suas mulheres, e depois se queixam, quando elas os infernizam”. É bem possível haver, nessas palavras, algo que deva ser levado em conta; só que, para ser breve, esse sujeito era preto da cabeça aos pés, argumento suficiente para considerar irrelevante o que disse.²⁵

Ora, o que está em jogo aí não é uma mera falácia do espantalho, mas uma posição filosoficamente fundada, que, por compreender o negro como natural e historicamente incapaz de alçar para além do ridículo, pode *a priori* considerar seus pensamentos, mesmo quando *parecem* ter algo de válido, irrelevantes, pois o conteúdo, examinado por um entendimento acima do ridículo, revelar-se-ia falso. Tendo a natureza bloqueado, pelas condições geofísicas que impôs, a capacidade de entendimento e refinamento dos negros, põe-se que são incapazes de pensar em sentido amplo e segundo a moralidade, que se baseia na consciência de um sentimento pela natureza humana, isto é, que necessita representar para si o que sente, e confrontar esse fundamento material com as formas do entendimento. Os princípios retirados dessa operação permitem que os homens capazes de observá-los, em referência também ao seu sentimento estético-moral refinado, representem o desígnio natural que está na base da humanidade, em sentido de realizá-la. Sendo os homens brancos ingleses e alemães aqueles que, dentre os povos do mundo, melhor comprovam histórico-naturalmente serem dotados da mais elevada sublimidade, e os negros, aqueles naturalmente incapacitados e dotados da mais baixa sublimidade, tem-se que cabe aos primeiros a tarefa de representar a humanidade e de julgar os últimos como ridículos em qualquer presunção que venham a apresentar nesse sentido, como no caso do carpinteiro, reafirmando sua natural condição epistemológica, religiosa e moral.

No fim, se nossa leitura se sustenta pelos pontos levantados, pode-se constatar que o momento mais radical da estrutura dualística do sublime – perfeito, natural, fundado e imperfeito, desnaturado, infundado – incorporada e desenvolvida pelas *Observações*, se dá na oposição entre a sublime nobreza dos brancos e a sublime ridicularidade dos negros; entre aqueles capazes de se ater aos fundamentos da genuína virtude e das virtudes aparentes e aqueles cujas matraqueação e vaidade

²⁵Ibidem, p. 117.

são nulas de reflexão e refinamento; entre aqueles, enfim, que são capazes de representar a humanidade e reconhecer sua beleza e aqueles postos sob o limiar da animalidade.

Referências

HUME, D. *A arte de escrever ensaio e outros ensaios (morais, políticos e literários)*. Trad. Márcio Suzuki e Pedro Paulo Pimenta. São Paulo: Iluminuras, 2008.

KANT, I. *As Observações sobre o sentimento do belo e do sublime*. Trad. Vinicius Figueiredo. São Paulo: Clandestina, 2018.

RENNÓ, L. “O que a *Teoria do Céu* tem a dizer sobre as raças humanas (mas que o jovem Kant não declara)?”. In: *Studia Kantiana*, vol. 18, nº 2, ago. 2020.

SUZUKI, M. *A forma e o sentimento do mundo: jogo, humor e arte de viver na filosofia do século XVIII*. São Paulo: Editora 34, 2014.

RESUMO: O objetivo deste artigo é perseguir as consequências teóricas das caracterizações estético-antropológicas e naturalistas dos gêneros e das raças fundadas na categoria de sublime, tal como apresentada nas *Observações*. Com isso, gostaríamos de mostrar como a oposição entre bela aparência e sublime virtude, por um lado, e as dualidades e gradações internas do sublime, por outro, levam o jovem Kant a realizar passagens, proibidas por ele mesmo em sua exposição, entre o campo pragmático das observações e o campo teórico da filosofia, implicando em conclusões que representam, num quadro maior, as contradições possíveis do discurso

ABSTRACT: The aim of this article is to pursue the theoretical consequences of the aesthetic-anthropological and naturalistic characterizations of genders and races based on the category of the sublime, as presented in Kant's *Observations*. By this, we would like to show how the opposition between beautiful appearance and sublime virtue, on the one hand, and the dualities and internal gradations of the sublime, on the other, lead the young Kant to make passages, forbidden by himself in his exposition, between the pragmatic field of observations and the theoretical field of philosophy, implying conclusions that represent, in a larger

iluminista, sobretudo na forma da relação metodologicamente irmanada entre história natural, filosofia da história, crítica de gosto e antropologia. Entrementes, o saldo da pesquisa detida do sublime nesse ensaio do período pré-crítico revela muitas marcas que persistem e se desenvolvem na compreensão kantiana dessa noção no período crítico, como sua relação com o fanatismo (*Schwärmerei*), suas dualidades e sua condição como sentimento moral em si mesmo e também moralmente formativo.

PALAVRAS-CHAVE: Sublime; Kant; Iluminismo; Filosofia da história.

picture, the possible contradictions of Enlightenment discourse, especially in the form of the methodologically intertwined relationship between natural history, philosophy of history, criticism of taste and anthropology. However, the balance of the detailed investigation of the sublime in this essay from the pre-critical period reveals many marks that persist and even develop in the Kantian understanding of this notion in the critical period, such as its relationship with fanaticism (*Schwärmerei*), its dualities and its condition as a moral feeling in itself and also morally formative.

KEYWORDS: Sublime; Kant; Enlightenment; Philosophy of History.